



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS IV – CATOLÉ DO ROCHA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E AGRÁRIAS
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS**

KARLA PATRÍCIA SILVA COSTA

**O SILÊNCIO QUE GRITA: PROPOSTA DE ABORDAGEM DIDÁTICA DO CONTO
“O MENDIGO SEXTA-FEIRA JOGANDO NO MUNDIAL” DE MIA COUTO**

**CATOLÉ DO ROCHA - PB
2014**

KARLA PATRÍCIA SILVA COSTA

**O SILÊNCIO QUE GRITA: PROPOSTA DE ABORDAGEM DIDÁTICA DO CONTO
“O MENDIGO SEXTA-FEIRA JOGANDO NO MUNDIAL” DE MIA COUTO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Letras e Humanidades da – CCHA/CAMPUS IV, Universidade Estadual da Paraíba, como requisito para a obtenção do grau de licenciada em Letras.

Orientador: Prof. MSc. Rômulo César de A. Lima

**CATOLÉ DO ROCHA - PB
2014**

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

C837s Costa, Karla Patrícia Silva.
O silêncio que grita [manuscrito] : proposta de abordagem didática do conto "o mendigo sexta-feira jogando no mundial" de Mia Couto / Karla Patrícia Silva Costa. - 2014.
26 p. : il. color.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Humanas e Agrárias, 2014.
"Orientação: Prof. Me. Rômulo César de A. Lima, Departamento de Letras e Humanidades".

1. Ensino de literatura. 2. Letramento literário. I. Título.
21. ed. CDD 469.07

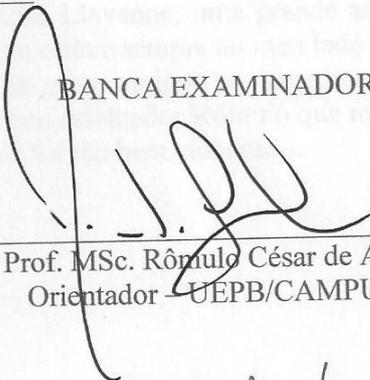
KARLA PATRÍCIA SILVA COSTA

**O SILÊNCIO QUE GRITA: PROPOSTA DE ABORDAGEM DIDÁTICA DO CONTO
“O MENDIGO SEXTA-FEIRA JOGANDO NO MUNDIAL” DE MIA COUTO**

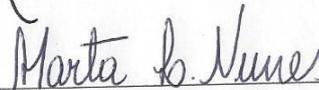
Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Departamento de Letras e Humanidades da
– CCHA/CAMPUS IV, Universidade Estadual
da Paraíba, como requisito para a obtenção do
grau de licenciada em Letras.

Aprovada em: 16/09/2014.

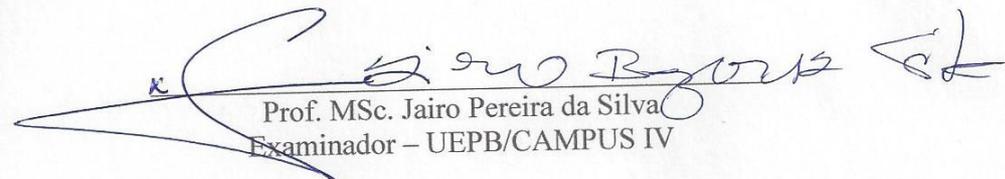
BANCA EXAMINADORA



Prof. MSc. Rômulo César de A. Lima
Orientador – UEPB/CAMPUS IV



Prof. MSc. Marta Lúcia Nunes
Examinadora – UEPB/CAMPUS IV



Prof. MSc. Jairo Pereira da Silva
Examinador – UEPB/CAMPUS IV

AGRADECIMENTOS

Nesse momento tão especial de minha vida acadêmica e profissional só tenho a agradecer a cada uma das pessoas que me ajudaram, me apoiaram, de todas as formas possíveis e necessárias. Inicialmente tenho que agradecer primeira a Deus por me proporcionar este dom de poder compartilhar e ensinar dos meus conhecimentos com as outras pessoas, em seguida meus pais que me deram força, apoio, me deram auto-estima em um dos meus momentos mais difíceis, no qual quase me fez perder um período de meu curso, mas como sempre eles usaram as melhores palavras e no momento certo para que eu seguisse essa jornada que se inicia a partir de agora.

Uma pessoa fundamental para tudo isso foi minha irmã, Kamila, onde ela deixou de fazer as tarefas pessoais dela para me ajudar em tudo que precisei do início de meu curso até os dias de hoje, sem ela eu não teria chegado até onde cheguei, pois além de irmã, tem sido amiga, professora e mãe, onde me elogia e me critica quando necessário. A minha tia Rafaela por ter, de uma forma indireta, me ajudado dando todo o apoio e palavras positivas.

Uns amigos em especial quero destacar, sendo ele David Felix, no qual sempre soube as dificuldades que passei para chegar até onde cheguei, sempre me ajudou no que precisei, nunca me faltou em nenhuma hora, também a Irmão Neto por ter me ajudado em cada fase de início e conclusão de período, ter escutado todos os desabafos de estresses causados no dia-a-dia. Também agradecer a Rose Llyanne, uma grande amiga que sempre me incentivou na conclusão deste trabalho e que esteve sempre ao meu lado me dando toda a força necessária.

Num geral, a todos os meus amigos por acreditarem nessa vitória que alcancei com muito esforço e mérito. Ao meu orientador Rômulo que me instruiu de forma exemplar para a conclusão desse trabalho, que foi tão bem elaborado.

RESUMO

O ensino de literatura vem na escola sendo objeto de constantes questionamentos e debates sobre a sua função, atratividade e metodologia mais adequada. O presente trabalho visa contribuir para essa discussão, apresentando alguns questionamentos e sugestões a esse respeito. Fazemos uma discussão sobre o ensino de literatura no contexto do Ensino Médio a partir do discurso dos documentos oficiais de ensino brasileiros, bem como da prática comum em sala de aula. Em seguida, apresentamos uma breve biografia do autor Mia Couto, localizando-o no contexto da literatura de língua portuguesa dos países da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP). Por fim, debruçamo-nos na análise do conto “O mendigo Sexta-Feira jogando no Mundial” do escritor moçambicano Mia Couto, presente na obra “O fio das missangas”, a partir de algumas reflexões de estudos pós-coloniais para, em seguida, demonstrarmos uma proposta de abordagem didática do conto referido de acordo com as recomendações estabelecidas por Cosson (2009) na perspectiva do letramento literário.

Palavras-Chave: Ensino de literatura. Letramento literário.

ABSTRACT

The teaching of literature in schools has been the subject of constant questioning and debates about its function, attractiveness and appropriate methodology. The present work aims to contribute to this discussion by presenting some questions and suggestions in this regard. We discuss about the teaching of literature in the context of high school from the discourse of official documents of Brazilian education as well as the common practice in many classrooms. Then, we present a brief biography of the author Mia Couto, locating it in the context of the literature of the Portuguese-speaking countries of the Community of Portuguese Language Countries (CPLC). Finally, we look at the analysis of the short story "O mendigo Sexta-Feira jogando no Mundial" by the Mozambican writer Mia Couto, present in the work "O fio das missangasbz" from some reflections of postcolonial studies to then, demonstrate a proposed teaching approach of the short story according to the recommendations established by Cosson (2009) from the perspective of literary literacy.

Keywords: Teaching of literature. Literary literacy.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	9
1 LITERATURA E LETRAMENTO LITERÁRIO	10
1.1 A literatura no Ensino Médio brasileiro	10
1.2 A escolarização da literatura: proposta do letramento literário.....	11
2 MIA COUTO E A LÍNGUA PORTUGUESA INVENTADA	13
2.1 O lugar de Mia Couto na literatura de língua portuguesa	13
2.2 O universo literário das missangas	14
3. ANÁLISE E PROPOSTA DIDÁTICA.....	15
3.1 O mendigo e a sociedade: a (não) existência dilacerante	15
3.2 Uma proposta de intervenção didática.....	16
3.2.1 Motivação	17
3.2.2 Introdução.....	19
3.2.3 Leitura.....	20
3.2.4 Intervalos	21
3.2.5 Interpretação	22
CONSIDERAÇÕES FINAIS	23
REFERÊNCIAS	24

INTRODUÇÃO

O ensino de literatura na escola vem sendo alvo de muitos questionamentos por parte da comunidade escolar, acadêmica, e da sociedade como um todo. Qual o lugar da literatura em uma sociedade cada vez mais midiática, na qual os programas de televisão, aplicativos e *gadgets* parecem ter tomado conta da vida de todos, principalmente dos jovens? Como tornar a literatura atraente para esse público imerso na cultura do imediatismo? Qual a forma mais adequada de abordar a literatura na escola?

O presente trabalho visa contribuir com uma reflexão sobre o ensino de literatura a partir da abordagem de um conto de Mia Couto intitulado “O mendigo Sexta-Feira jogando no Mundial”, pertencente ao livro “Fio das Missangas”. Buscamos, aqui, pensar e sugerir uma maneira didática de levar esse conto para uma sala de aula de Ensino Médio na tentativa de proporcionar um contato significativo dos alunos com a produção literária desse autor moçambicano. O interesse por esse tema se deve à leitura dos documentos oficiais de ensino como a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (BRASIL, 1996), dos Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1998) e das Orientações Curriculares para o Ensino Médio (BRASIL, 2006), bem como da nossa preferência pessoal pelo autor moçambicano Mia Couto.

O trabalho está organizado da seguinte forma: no primeiro capítulo, faremos uma reflexão sobre o ensino de literatura no Brasil, especialmente nos anos do Ensino Médio, confrontando na discussão com o que dizem os documentos oficiais a esse respeito, bem como da prática que se tem observado nas escolas. No segundo, apresentamos dados biográficos e contextuais sobre Mia Couto, bem como fazemos um apanhado geral da obra “O fio das Missangas”, na qual se insere o conto “O mendigo Sexta-Feira jogando no Mundial”. No terceiro capítulo, partiremos para a análise do conto propriamente dita, destacando aspectos de acordo com alguns estudos pós-coloniais, bem como apresentaremos uma proposta ampliada de abordagem do conto em sala de aula, a partir dos critérios sugeridos por Cosson (2009), o qual centra o ensino de literatura na agência do aluno como sujeito da própria formação como leitor e cidadão crítico, envolto por uma sociedade de práticas letradas. Finalmente, apresentamos nossas considerações finais, refletindo sobre a importância e as restrições do presente trabalho, bem como sugerindo pesquisas futuras.

1 LITERATURA E LETRAMENTO LITERÁRIO

Neste capítulo, fazemos reflexões a respeito do ensino da literatura no ambiente escolar e, especificamente, no Ensino Médio, embasados a partir da visão oferecida pelos documentos oficiais de educação. Também sintetizamos

1.1 A literatura no Ensino Médio brasileiro

O ensino de literatura no Brasil historicamente se desenvolveu bastante atrelado ao estudo da gramática e da retórica, baseado principalmente no estudo dos clássicos, no qual os grandes autores consagrados eram tomados como exemplo da boa literatura (aliás, a única) e considerados como “passagem obrigatória” para aqueles que desejavam adentrar na cultura das “belas letras”, além de espelhos para desenvolver uma boa escrita. No século XIX, essa tradição se inseriu nos recém-criados colégios através da História da Literatura, dividida em escolas e períodos. Essa herança se faz sentir até hoje na maneira como a literatura é ensinada nas escolas. Autores como Todorov (2009) têm chamado a atenção para o perigo que a literatura vem correndo, especialmente graças ao ensino escolar que mais afasta que aproxima o aluno da fruição literária.

Documentos oficiais tratam da questão do ensino da literatura especificamente no Ensino Médio. Supõe-se que, ao chegar nesse estágio escolar, os alunos já tenham desenvolvido, pelo menos, competências básicas de leitura, mas não é isso que se observa. Além da taxa de evasão que aumenta durante esse período, o baixo rendimento dos alunos em atividades de leitura e escrita torna o ensino de literatura mais desafiador ainda, à medida que se faz preciso não só apresentar autores e tendências historicamente consagrados ou contemporâneos, mas também tomar o cuidado de incentivar a descoberta da literatura por esses alunos.

As Orientações Curriculares para o Ensino Médio (daqui em diante, OCNEM), publicadas em 2006, destacam que a riqueza da tradição literária deve constar dos currículos escolares, promovendo reflexões e discussões que culminem no cultivo do pensamento democrático e plural, formando bons leitores. Além disso, a Lei de Diretrizes e Bases Nacionais (daqui em diante, LDB), também objetiva “o aprimoramento do educando como

pessoa humana, incluindo a formação ética e o desenvolvimento da autonomia intelectual e do pensamento crítico” (LDB, art. 35, inc. 3º, 1996). Isso indica a importância da inclusão da literatura como parte da formação ética do indivíduo, proporcionando acesso a bens culturais que oferecem outras visões de mundo, além da sua. Cândido (2002) defende a colocação do acesso à fruição literária como um direito fundamental do ser humano, tantas vezes violado pelas condições e, principalmente, desigualdades sócio-históricas que o rodeiam. Já os Parâmetros Curriculares Nacionais (daqui em diante, PCN+) destacam que o principal é envolver os alunos em práticas sociais letradas, mais que “enfiar goela abaixo” conteúdos de literatura. Ou seja, proporcionar ocasiões de compartilhamento de experiências através tanto da oralidade quanto da escrita, reconhecendo-as como canais de livre expressão de sua liberdade e pensamento crítico enquanto cidadãos.

1.2 A escolarização da literatura: proposta do letramento literário

Como o professor pode apresentar a literatura de maneira interessante e significativa? Cosson (2009) aponta uma alternativa com o que chama de “letramento literário”, ou seja, uma série de etapas que culminariam na apropriação do texto literário por parte dos alunos, estimulando sua colocação como sujeito fundamental e ativo no processo de leitura. Essas etapas, segundo o autor, seriam cinco: motivação, introdução, leitura, intervalos e interpretação. Cada uma capaz de ser restringida ou ampliada de acordo com os objetivos finais organizados pelo professor e pelos fatores externos como o tempo.

A primeira etapa consiste na motivação do aluno, no despertar do interesse pelo texto literário pois,

[...] a leitura demanda uma preparação, uma antecipação, cujos mecanismos passam despercebidos porque nos parecem muito naturais. Na escola, essa preparação requer que o professor a conduza de maneira a favorecer o processo de leitura como um todo. Ao denominar motivação a esse primeiro passo da sequência básica do letramento literário, indicamos que seu núcleo consiste exatamente em preparar o aluno para entrar no texto. O sucesso inicial do encontro do leitor com a obra depende da boa motivação. (COSSON, 2011, p. 54).

Nesse sentido, o aluno, leitor em potencial, deve ter um primeiro contato com o universo literário não impositivo, didático e lúdico, de maneira a reduzir o filtro afetivo geralmente negativo que envolvem as aulas de língua portuguesa e, principalmente, de literatura.

Segue-se à motivação, a etapa denominada introdução, que consiste na apresentação do autor e da obra. Mais do que dizer “Vamos trabalhar com o livro X do autor Y”, essa é a parte em que a curiosidade do aluno já foi despertada com a motivação e espera encontrar prosseguimento. É subdividida em três passos: apresentação do autor, justificativa da escolha e apresentação física da obra. Na apresentação do autor, “Um primeiro [cuidado] é que [...] não se transforme numa longa e expositiva aula sobre a vida do escritor, com detalhes biográficos que interessam a pesquisadores, mas não são importantes para quem vai ler um de seus textos” (COSSON, 2011, p. 60). É recomendado apresentar, de maneira breve, alguns fatos que podem auxiliar na compreensão do livro pelos alunos. Já a justificativa da escolha da obra é o momento em que “Cabe ao professor falar da obra e da sua importância naquele momento, justificando assim sua escolha” (*ibidem*), seja por pertinência a algum tema em evidência ou data comemorativa, por exemplo. Fechando a motivação, chega a apresentação física da obra, na qual os alunos entrarão em contato direto com o objeto livro, deixando-os livres para apreciar os elementos paratextuais.

A terceira etapa consiste na leitura propriamente dita, de preferência coletivamente, seja do primeiro capítulo, conto, crônica, poesia ou outro gênero da obra escolhida. É importante discutir essa primeira leitura, de maneira a compartilhar primeiras impressões entre os leitores. Após a leitura, seguem-se os intervalos, que são “[...] as atividades específicas, [que] podem ser de natureza variada. Um exemplo é a leitura de outros textos menores que tenham alguma ligação com o texto maior [...]” (*idem*, p. 63). A quantidade de intervalos depende da extensão do texto-base, mas não é recomendado que sejam muito excessivos para não desviar do foco principal.

Todas as etapas anteriores culminam na interpretação. Apesar de o nome ser utilizado para se referir à atribuição de sentidos ao texto por parte do leitor, a interpretação nessa sequência, consistiria na “[...] externalização da leitura, isto é, seu registro.” (*idem*, p. 66). Consideramos essa etapa marcante justamente por demandar que haja um compartilhamento que, necessariamente, passa pela atribuição de sentidos, mas são mais amplas por permitir a confecção de um produto final que exige uma postura pró-ativa dos leitores. É nessa hora que o aluno percebe mais claramente a sua inserção em uma comunidade letrada, envolvida por práticas sociais de leitura e escrita significativas.

Pela sistematização objetiva feita pelo autor da sugestão de aplicação de conteúdos literários na escola, adotamos esses procedimentos para pensar uma proposta didática para o conto “O mendigo Sexta-Feira jogando no Mundial”, de Mia Couto. Segue-se uma pequena apresentação do autor e da obra da qual faz parte o conto escolhido para a análise.

2 MIA COUTO E AS MISSANGAS

Neste capítulo, objetivamos traçar um breve panorama do lugar de Moçambique na Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP), situando o escritor Mia Couto como o maior representante da nova geração da literatura africana que propõe uma nova maneira de recontar sua própria história e lugar no mundo. Especificamente, fazemos um apanhado geral da obra “O fio das missangas”.

2.1 O lugar de Mia Couto na literatura de língua portuguesa

A língua portuguesa é oficial em 9 países atualmente, que compõem a Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP): Angola, Brasil, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Guiné Equatorial, Moçambique Portugal, São Tomé e Príncipe, Timor Leste. No entanto, é possível dizer que somos ainda relativamente desconhecidos uns dos outros e isso também se aplica à literatura. Embora a maioria sejam países africanos mergulhados em devastadoras guerras de independência e conflitos civis, em tais países “[...] surgiu uma literatura que celebrava a derrota do regime colonial, proclamava a revolução social e celebrava a (re-)construção nacional” (HAMILTON, 1999, p. 16)

Moçambique é um desses países que teve sangrentas lutas pela independência de Portugal, conseguida em 1975. Na literatura desse país, se destaca internacionalmente a figura de Mia Couto (1955-), pseudônimo de António Emílio Leite Couto e autor moçambicano mais traduzido atualmente. Segundo Hamilton (*idem*, p. 18), Couto representa uma nova geração de escritores moçambicanos que, diferentemente da primeira fase, busca “[...] narrar ou mesmo re-inventar o passado, seja o passado longínquo ou recente, tornando-o válido desde uma perspectiva pós-colonial [...]”. Tal característica fica bem clara em seu romance mais conhecido, publicado em 1992, intitulado “Terra Sonâmbula”, no qual tenta recriar a língua portuguesa com uma influência moçambicana, utilizando o léxico de várias regiões do país e produzindo um novo modelo de narrativa africana. Percebe-se uma aproximação com a prosa de Guimarães Rosa, autor pelo qual já confessou admiração. Recentemente, em 2013, foi agraciado com o Prêmio Camões.

A produção literária de Mia Couto abrange poesias, crônicas, contos e seus mais conhecidos romances. Dentre os romances mais conhecidos, além do já citado “Terra Sonâmbula”, destacam-se “O Último Voo do Flamingo” (2000) e “O Outro Pé da Sereia” (2006). Além dos romances que lhe fizeram célebre, a produção de contos do autor é reconhecida pela sua notável qualidade artística, de maneira alguma inferior à sua faceta de romancista. Publicou seu primeiro livro de contos “Vozes Anotecidas” em 1986 e, desde então, deu a conhecer mais cinco livros do gênero: “Cada Homem é uma Raça” (1990), “Estórias Abensonhadas” (1994), “Contos do Nascer da Terra” (1997) e “Na Berma de Nenhuma Estrada” (1999).

2.2 O universo literário das missangas

A epígrafe do livro já indica essa característica ao afirmar: “A missanga, todas a veem. Ninguém nota o fio que, em colar vistoso, vai compondo as missangas. Também assim é a voz do poeta: um fio de silêncio costurando o tempo” (COUTO, 2003, p. 9) . Percebe-se aí a inclinação em retratar aquilo que não é dado à primeira vista, está por trás das coisas “vistas” como a missanga, cuja função principal é adornar. Há também uma reflexão metalinguística sobre o trabalho do poeta nesse trecho inicial. Cabe a ele a função de unir as pontas do tempo, tornando-as coerentes. Contudo, há um jogo de sentidos aí. Se a matéria-prima principal da poesia é a palavra, o que ela faz é construir o tempo mais pelo que cala, pelo silêncio, do que pelo que diz.

Os temas dos contos de “O fio das missangas” abordam violência, separação, morte, loucura, vingança, incesto, suicídio... Sentimentos universais aos seres humanos de todos os lugares e épocas. A angústia silenciosa humana dos desvalidos também é uma constante em “O fio das missangas”. No conto “O cesto”, testemunhamos a narração de uma mulher que vive à sombra do marido que encontra-se no leito de morte. Depois de anos de sofrimento silencioso, ela descobre novamente a mulher dentro de si e ousa desejar a morte daquele que por tantos anos foi seu algoz, sem no entanto conseguir libertar-se das amarras mesmo depois que seu desejo se concretiza. Em “A saia amarrotada”, também uma mulher subjugada pelo pai e esquecida pelos demais, conta como seu corpo mirrado suportava a dor de existir em uma sociedade na qual o papel da mulher é servir aos homens.

O fantástico também é uma característica recorrente na prosa coutiana e aparece em contos como “O homem cadente”, no qual um homem que tenta suicídio acaba por flutuar nos ares, caindo lentamente e provocando a perplexidade dos transeuntes.

3. ANÁLISE E PROPOSTA DIDÁTICA

Aqui, como preâmbulo, apresentamos uma breve análise do conto, destacando os aspectos das leituras pós-coloniais. Passamos depois à proposta didática de letramento literário, que estabelecemos como objetivo principal deste trabalho, seguindo as etapas propostas por Cosson (2009).

3.1 O mendigo e a sociedade: a (não) existência dilacerante

Martini (2012) propõe uma leitura pós-colonial para “O mendigo Sexta-Feira jogando no Mundial”, percebendo na construção do conto a polarização presente na realidade social moçambicana, e em todas as sociedades já colonizadas, entre ricos e mendigos, letrados e iletrados, polícia e pobre. Nesse sentido, a narrativa pela voz do mendigo constitui-se numa estratégia de resistência poderosa em meio a uma sociedade que naturaliza a segregação, o preconceito e a miséria. Tal perspectiva pós-colonial é corroborada por Silva (2012, p. 7) quando afirma que

Mia Couto tece uma narrativa, em que tanto a voz das personagens, quanto a ausência dela, são amplamente significativas por nos permitirem entrever não somente as marcas deixadas pela ação do colonizador em Moçambique, mas a situação dos homens e mulheres que são colocados à margem da sociedade e não têm direito à voz no contexto social em que vivem.

No conto aqui analisado, o personagem-narrador é tão objetificado, tão espoliado de sua humanidade, que nem sequer possui um nome próprio. O apelido “Sexta-Feira” é recebido graças à inconveniência causada por ele e outros mendigos que se ajuntam em grande quantidade no dia de sexta-feira no passeio próximo ao Dubai Shopping para assistir às tevês. O motivo é que, sendo a sociedade moçambicana majoritariamente cristã, ela abriga também uma grande quantidade de seguidores do islamismo para os quais o dia de sexta-feira é

considerado sagrado, havendo a obrigação de nesse dia realizarem pelo menos a oração do meio dia em comunidade.

Atentamos também para a ironia do nome “Dubai Shopping”. Dubai é considerada a capital da riqueza árabe, sendo conhecida como a cidade construída pela prosperidade do petróleo. Temos aí um enorme contraste que evidencia a desigualdade social presente na sociedade moçambicana.

“O mendigo Sexta-Feira jogando no Mundial” possui dois momentos narrativos. O primeiro se passa no hospital, no qual o mendigo desabafa sua dor de (não) existir ao médico no hospital, lugar público de dor e sofrimento cuja raiz etimológica é a mesma de “hospitaleiro”. Em seguida, o mendigo sai às ruas para assistir o Mundial e é espancado pelos transeuntes, inclusive pelo médico, representando a violenta opressão social.

A análise aqui apresentada não pretende ser aprofundada, uma vez que não atende aos objetivos do presente trabalho, que é pensar uma abordagem diferenciada para o texto literário em sala de aula e não fazer apenas uma análise sobre o conto que está sendo dado a proposta.

3.2 Uma proposta de intervenção didática

Antes de apresentarmos a nossa proposta, cabe fazer algumas considerações a respeito da escolarização da literatura. O que se observa na maior parte das salas de aula, de acordo com a teoria do trabalho apresentado, é que esse ensino é realizado de maneira expositiva, com textos muitas vezes fragmentados presentes no livro didático, seguindo uma ordem cronológica a partir da apreensão das características gerais das chamadas escolas literárias. Tal ensino tradicional não promove o contato direto do aluno com o texto literário, dando uma áurea mística ou inacessível a algo que deveria ser natural e prazeroso.

Motivados por essa observação empírica e pela vontade de pensar o texto literário para além da interpretação individual, ou seja, proporcionar aos alunos um contato diferenciado e atraente com a literatura no contexto do Ensino Médio, encontramos na proposta de letramento literário de Cosson (2009) uma possibilidade de abordagem em sala de aula.

O autor compreende que o letramento literário é bem mais do que uma habilidade pronta e acabada de ler textos literários, pelo contrário, exige uma atualização permanente do leitor. Também não é apenas um saber que se adquire sobre a literatura ou os textos literários, mas sim uma experiência de dar sentido ao mundo.

Doravante, partimos para as etapas da nossa proposta didática do conto “O mendigo Sexta-Feira jogando no Mundial” de Mia Couto. O texto foi escolhido pela percepção de que a segregação social é realidade presente no dia-a-dia da nossa sociedade brasileira e que, portanto, faz-se necessário refletir sobre ela em uma perspectiva que vai além das notícias de jornais cotidianas, mas através do próprio olhar dos excluídos. Ainda, percebemos que é necessário aproximar o leitor brasileiro da produção literária africana de língua portuguesa, expandido seus horizontes de conhecimento de mundo.

3.2.1 Motivação

Primeiramente, Cosson (2009) deixa claro que a motivação tem um papel essencial no desenvolvimento de qualquer abordagem de texto literário na escola. Isso porque se supõe que os alunos, em geral, tendem a apresentar atitudes de resistência à recepção de obras no ambiente escolar, por considerá-las imposições autoritárias desligadas de seus interesses e de sua realidade. É notória a utilização da literatura pela instituição escolar como meio de passar lições de moral, substituindo o prazer estético pela tentativa de inculcar comportamentos desejados nos alunos. Isso posto, faz-se necessário despertar o interesse através de atividades breves anteriores ao texto principal propriamente dito, incitando a atenção dos alunos para o universo da obra, preparando-o para tomar conhecimento dela.

É importante destacar a intertextualidade que será abordada na proposta, pois deverá acontecer uma breve discussão da notícia, com o conto a ser trabalhado, por que as duas de certa forma possuem temas parecidos e que conduzem com a realidade em que vivemos, dando sempre uma importância à leitura.

A escolha de uma obra pelo professor deve fazer sentido para o contexto do aluno, sendo pertinente às condições histórico-sociais as quais ele está inserido e do seu próprio desejo de conhecer. Para os propósitos deste plano de aula, elegemos como motivação, planejada para durar uma aula de 45 minutos, a leitura coletiva da seguinte notícia, veiculada pelo jornal Folha de São Paulo, em 21 de junho de 1997¹:

¹ Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff210641.htm> Acesso: 23 junho 2014.

Garotos tentam queimar mendigo no Grande Rio

RONI LIMA

da Sucursal do Rio

Três garotos vendedores de bala tentaram ontem incendiar um mendigo no município de Itaguaí, no Rio de Janeiro. Segundo uma testemunha, que chamou a polícia, três meninos (de 10, 13 e 14 anos) acenderam uma vela e pretendiam atear fogo no papelão sobre o qual dormia o mendigo Paulo Francisco de Souza, 48, no centro de Itaguaí. O mendigo se mexeu e os garotos se assustaram e correram. Presos, disseram que queriam "zoar" com ele. Foram libertados sob o compromisso dos pais de que compareceriam para uma audiência no Juizado da Infância e da Juventude. Anteontem, um mendigo foi queimado na Cinelândia, no centro do Rio, enquanto dormia. O menino de rua A., 15, disse ter ateado fogo acidentalmente no mendigo, identificado como Jorge Paulo.

A diretora da DPCA (Divisão de Proteção à Criança e ao Adolescente), Márcia Julião, que ontem ouviu o depoimento de A., se mostrou assustada ao saber do caso de Itaguaí, pois teme uma onda de ataques a mendigos. Ela disse ter evitado perguntar a A. se já tinha ouvido falar do caso do índio pataxó que, em abril, foi queimado vivo por adolescentes de Brasília. Desde março, já houve o registro de quatro homens atacados e queimados em ruas do Grande Rio - três deles mendigos. (...)

Inicialmente, propomos pensar na manchete da notícia. Para tanto, antes de distribuir a notícia para os alunos, o professor pode escrever na lousa em letras grandes o título “Garotos tentam queimar mendigo no Grande Rio”, perguntar se os alunos já ouviram alguma notícia parecida, chamando atenção para o fato de que a notícia é de 1997, mas se eles acham que ainda acontecem casos parecidos.

A partir daí, a leitura da notícia pode ser iniciada, chamando a atenção para as justificativas que permeiam o discurso dos indivíduos que atacaram os mendigos. Ao final, levantar as representações e atitudes da turma em relação aos mendigos com perguntar como:

- O que é mendigar?
- O que pode levar alguém a se tornar mendigo?
- Como você pensa ou age ao se deparar com um mendigo na rua?

O objetivo das perguntas é visibilizar a condição social do mendigo, despertando a reflexão sobre essa figura que a maioria das pessoas está habituada a ignorar ou naturalizar os fatores que levam à marginalização, promovendo o debate sobre a responsabilidade individual e da sociedade como um todo quanto a esses indivíduos. O intuito não é condenar as falas dos alunos. O professor não deve se posicionar, mas sim elencar as respostas dadas pela turma às perguntas que fizer, incitando o debate com novos questionamentos. Isso pode ser feito através da elaboração simultânea de uma lista de argumentos no quadro.

Ao fim da motivação, o professor deve avisar que, na aula seguinte, a classe vai ter a oportunidade de conhecer o outro lado da história: o lado do mendigo. Como sua voz não é ouvida normalmente na sociedade, eles vão ter uma oportunidade rara de entender um pouco do que se passa na cabeça daqueles que remexem a lata do lixo à procura de comida.

3.2.2 Introdução

Chegamos, então, à segunda parte da sequência didático-literária, que consiste em apresentar o autor e a obra aos alunos. O tempo total estimado para essa etapa na nossa proposta didática é de uma aula de 45 minutos ou menos.

Conforme Cosson (2009), a apresentação do autor pode ser feita através da exibição de uma fotografia e de uma biografia resumida. É preciso ter cuidado quando da apresentação de dados biográficos de autores literários em sala de aula, uma vez que há o risco de se estender mais nessa etapa que o necessário, falando de detalhes não pertinentes ao entendimento do texto a ser lido. Dados como nome, local de nascimento, breves informações sobre esse local, principais obras e algumas possíveis curiosidades já são suficientes, importante mencionar sobre o estilo do autor. Como exemplo, apontamos a biografia de Mia Couto presente no *site* da editora Companhia das Letras²:

MIA COUTO
Autor



Nasceu em 1955, na Beira, Moçambique. É biólogo, jornalista e autor de mais de trinta livros, entre prosa e poesia. Seu romance *Terra sonâmbula* é considerado um dos dez melhores livros africanos do século XX. Recebeu uma série de prêmios literários e, em 2013, foi vencedor do Prêmio Camões, o mais prestigioso da língua portuguesa. É membro correspondente da Academia Brasileira de Letras.

Além de dar informações gerais sobre o livro (número de contos, características gerais, etc.), é importante promover o contato físico com a obra, para que os alunos toquem, cheirem,

² Disponível em: <http://www.companhiadasletras.com.br/autor.php?codigo=01846>. Acesso 23 junho 2014.

observem a capa e outros elementos paratextuais que também fazem parte do ritual da leitura. Por isso, o professor poderia se informar sobre a quantidade de exemplares da obra disponíveis na biblioteca da escola (caso haja uma). Se houver apenas um, mesmo assim o professor deve levá-lo para que possam conhecer o livro que o conto foi retirado. Abaixo, a capa do livro editado pela Companhia das Letras no Brasil³:



3.2.3 Leitura

Feita a introdução do autor e da obra, é chegada a hora de entrar no texto literário em torno do qual toda a sequência didática foi construída. Estimamos que deve durar duas aulas de 45 minutos, de preferência, seguidas. É esperado que, ao iniciar essa etapa, o filtro afetivo dos alunos esteja regulado de forma que os permita estarem mais propensos a conhecer a narrativa proposta.

O professor pode retomar muito sucintamente a motivação realizada, enfatizando que em seguida os alunos vão conhecer a história do mendigo contada de outro ponto de vista. Distribuem-se as cópias do conto ou os exemplares da obra para os alunos, de acordo com a disponibilidade. É recomendável deixar um momento para a leitura silenciosa, estimulando a autonomia como sujeitos leitores. Pode ser que haja problemas nesta parte, mas o professor deve atentar para a movimentação da turma e, caso a concentração não esteja adequada, iniciar a leitura coletiva. Fica a critério do professor decidir se ele mesmo realizará a leitura em voz alta ou se dividirá a tarefa com os alunos.

³ Disponível em: <http://www.companhiadasletras.com.br/detalhe.php?codigo=12565>. Acesso 14 junho 2014.

Após a leitura, segue-se o momento de compartilhamento de impressões gerais sobre o texto, que podem variar entre o “gostei” ou “não gostei”. O principal desse momento é que as impressões não se restrinjam a isso, mas que seja incentivada a explicitação dos motivos que justificam a identificação ou não. Não cabe ao professor julgar o aluno por expressar uma visão não esperada sobre o que leu, uma vez que o texto literário pode provocar inúmeras reações, desde o incômodo até a emoção.

É uma boa ideia também discutir aspectos formais do texto, como narrador, tempo, espaço e características do estilo do autor. Muito provavelmente, os alunos vão perceber neologismos e algumas diferenças em relação à gramática tradicional. Apenas para citar um exemplo, a frase que encabeça o conto é “Lhe concordo, doutor: sou eu que invento minhas doenças” (COUTO, 2009, p. 81), na qual se percebe um uso incomum da regência do verbo “concordar”. É preciso atentar que o registro literário, dependendo do estilo do autor, se utiliza de construções próprias, que não constituem “erros”, mas opções de estilo, uma vez que objetiva a atingir o objetivo eminentemente estético. Perigo: transformar a discussão em aula de gramática! É fortemente desaconselhável fazer isso, já que a nossa tradição de ensino da literatura ainda hoje é profundamente vinculada ao ensino de gramática, um dos motivos para o desconhecimento ou a rejeição do alunado ao prazer proporcionado pela literatura.

3.2.4 Intervalos

O exemplo ilustrativo de sequência de letramento literário sugerido por Cosson (2009) comporta um romance, obra de maior extensão que o conto. Por isso, ele propõe que os intervalos sejam atividades específicas intercaladas com a leitura do texto principal de maneira individual e extra-classe pelos alunos. Tais atividades podem incluir coisas como visualização de quadros, fotografias ou leitura de outros textos menores relacionados à obra.

Todavia, consideramos que a nossa escolha em abordar um conto de menor extensão dispensa a necessidade de intervalos, uma vez que é possível a leitura do texto completo em uma ou duas aulas.

3.2.5 Interpretação

Finalmente, a interpretação na perspectiva do letramento literário consiste na externalização da leitura, do seu registro e compartilhamento com outros integrantes da comunidade. Nesse intuito, devem ser propostas atividades para as quais a leitura que foi feita do texto tenha uma finalidade e assuma um papel importante na colocação desses sujeitos como agentes ativos capazes de posicionar-se perante o mundo de maneira crítica e criativa, sendo valorizados por isso. Nessa etapa, podem ser feitas atividades como exposição de cartazes, gravação de vídeos, publicação em blogs, publicação de revistas com as produções dos alunos, dentre outras coisas.

Para a interpretação do conto aqui abordado, refletimos sobre as vozes periféricas do sistema social. Tal qual Mia Couto fez ao tornar aparentes as pessoas à margem em seu livro “O fio das missangas”, consideramos que a cultura hip hop, especificamente o *rap*, possui, desde sua origem, objetivos como a denúncia e a crítica, além de constituir-se em produção artística que comunica uma mensagem contra a discriminação social e abusos de poder.

Então, propomos a elaboração final pelos alunos de um rap que dê vez e voz a quem eles consideram “invisíveis” para a sociedade, sejam mendigos, presidiários, ou profissionais discriminados como garis, garçons, zeladores e porteiros ou outras categorias que eles queiram dar visibilidade. A atividade deve ser realizada em grupos para que haja um compartilhamento ainda maior das ideias. Ao final, eles devem apresentar a produção para a turma, seja por meio de apresentação ao vivo, áudio ou vídeo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como podemos analisar no trabalho a cima é sim possível ensinar literatura de modo agradável, que de certa forma chame a atenção dos leitores – espectadores, fazendo com que eles possam notar e levar todas as teorias e leituras para sua vida de modo que o beneficie. Com uma boa proposta e uma maneira diferenciada de tratar os alunos, podemos conseguir resultados excelentes, basta termos forma de vontade, boas fontes e uma boa motivação.

Este trabalho nasceu da nossa inquietação a respeito dos rumos tomados pela nossa avaliação do ensino de literatura nas escolas como deficiente, ineficaz e não atrativo para uma geração que cada vez mais se acha enredada pelas tecnologias e que se questiona a respeito da função e atratividade da literatura em nossa época. Nesse sentido, buscamos apresentar aqui uma breve reflexão sobre esse ensino, apoiando-nos no que dizem os documentos oficiais de ensino no Brasil a esse respeito, bem como apresentar uma proposta interessante e realizável em sala de aula, que leva em conta o protagonismo do aluno no seu próprio processo de leitura e formação, a saber, a do letramento literário pelo professor Rildo Cosson (2009).

A preferência pessoal pelo autor moçambicano Mia Couto, juntamente com a convicção de que, graças à notoriedade do escritor e à necessidade de aprofundar as relações com os países integrantes da comunidade lusófona da CPLP, despertaram o interesse de analisar um dos contos do livro “O fio das missangas” sob a perspectiva do letramento literário, como um exercício crítico para a nossa própria formação como professores que anseiam dar sua contribuição para a formação de leitores e cidadãos críticos no Brasil e, principalmente, no contexto paraibano no qual nos inserimos. Assim sendo, o seguinte conto foi escolhido por ter uma forte linguagem do narrador, onde chama atenção da sociedade para o desrespeito para com as pessoas de classe social baixa.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Orientações curriculares para o ensino médio. Linguagens, códigos e suas tecnologias.** Brasília, 2006 (volume 1).

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa.** Brasília, 1998.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação: Lei nº 9.394/96 – 24 de dez. 1996.** Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, 1998.

CÂNDIDO, A. A literatura e a formação do homem. In: _____. **Textos de intervenção.** São Paulo: Duas Cidades: 34, 2002, p. 77-92.

COSSON, R. **Letramento literário: teoria e prática.** 2. ed. São Paulo: Contexto, 2011.

COUTO, M. **O fio das missangas.** São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

HAMILTON, R. G. A literatura dos PALOP e a teoria pós-colonial, **Via Atlântica**, n. 3., dez., 1999.

MARTINI, L. F. M. Segregação e subalternidade no conto *O mendigo sexta-feira jogando no Mundial*, de Mia Couto, **Diálogo e interação**, v. 6, 2012.

SILVA, J. A. R. Vozes marginais em Mia Couto, **Cadernos Imbondeiro**, João Pessoa, v.2, n.1, 2012.

SOARES, M. **Letramento: um tema em três gêneros.** Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

TODOROV, T. **A literatura em perigo**; tradução de Caio Meira – 2º ed. – Rio de Janeiro: Difel, 2009.

ANEXO – O MENDIGO SEXTA-FEIRA JOGANDO NO MUNDIAL

Lhe concordo, doutor: sou eu que invento minhas doenças. Mas, eu, velho e sozinho, o que posso fazer? Estar doente é minha única maneira de provar que estou vivo. É por isso que frequento o hospital, vezes e vezes, a exhibir minhas maleitas. Só nesses momentos, doutor, eu sou atendido. Mal atendido, quase sempre. Mas nessa infinita fila de espera, me vem a ilusão de me vizinhar do mundo. Os doentes são minha família, o hospital é o meu tecto e o senhor é o meu pai, pai de todos meus pais.

Desta feita, porém, é diferente. Pois eu, de nome posto de Sexta-Feira, me apresento hoje com séria e verídica queixa. Venho para aqui todo desclavicularado, uma pancada quase me desombrou. Aconteceu quando assistia jogo do Mundial de Futebol. Desde há um tempo, ando a espreitar na montra** do Dubai Shopping, ali na esquina da Avenida Direita. É uma loja de tevês, deixam aquilo ligado na montra para os pagantes contraírem ganas de comprar. Sento-meno passeio, tenho meu lugar cativo lá. Junto comigo se sentam esses mendigos que todas sextas-feiras invadem a cidade à cata de esmola dos muçulmanos. Lembra? Foi assim que ganhei meu nome de dia da semana. Veja bem: eu, que sempre fui inútil, acabei adquirindo nome de dia útil.

É ali no passeio que assisto futebol, ali alcanço ilusão de ter familiares. O passeio é um corredor da enfermaria. Todos nós, os indigentes ali alinhados, ganhamos um tecto nesse momento. Um tecto que nos cobre neste e noutros continentes.

Só há ali um no entanto, doutor. É que sou atacado de um sentimento muito ulceroso enquanto os meus olhos apanham boleia para a Coreia do Sul. O que me inveja não são esses jovens, esses fintabolistas, todos cheios de vigor. O que eu invejo, doutor, é quando o jogador cai no chão e se enrola e rebola a exhibir bem alto as suas queixas. A dor dele faz parar o mundo. Um mundo cheio de dores verdadeiras pára perante a dor falsa de um futebolista. As minhas mágoas que são tantas e tão verdadeiras e nenhum árbitro manda parar a vida para me atender, reboladinho que estou por dentro, rasteirado que fui pelos outros. Se a vida fosse um relvado, quantos penalties eu já tinha marcado contra o destino?

Eu sei, doutor, lhe estou roubando o tempo. Vou directo no assunto do meu ombro. Pois aconteceu o seguinte: o dono da loja deu ontem ordem para limpar o passeio. Não queria ali mendigos e vadios. Que aquilo afastava a clientela e ele não estava para gastar ecrã em olho

de pobre. Recusei sair, doutor. O passeio é pertença de um alguém? Para me retirarem dali foi preciso chamar as forças policiais. Vieram e me bateram, já eu estendido no chão e eles me ponteavam, com raiva como se não me batessem em mim, mas na sua própria pobreza. Proclamei que hoje voltaria mais outra vez, para assistir ao jogo. É que jogam os africanos e eles estão a contar comigo lá na assistência. Não passam sem Sexta-Feira. O dono da loja me ameaçou que, caso eu insistisse, então é que seria um festival de porrada. O que eu lhe peço, doutor, é que intervenha por mim, por nós os espectadores do passeio da Avenida Direita. O proprietário do Dubai Shopping não vai dizer não, se for um pedido vindo de si, doutor.

Pois eu, conforme se vê, vim ao hospital não por artimanha, mas por desgraça real. O doutor me olha, desconfiado, enquanto me vai espreitando os traumatombos. Contrariado, ele lá me coloca sob o olho de uma máquina radiográfica. Até me atrapalho com tanta deferência. Até hoje, só a polícia me fotografou. Se eu soubesse até me tinha preparado, doutor, escovado a dentuça e penteado a piolheira.

Quando me mostram a chapa, porém, me assalta a vergonha de revelar as minhas pobres e desprevenidas intimidades ósseas. Quase eu grito: esconda isso, doutor, não me exhiba assim às vistas públicas. Até porque me passa pela cabeça um desconfio: aqueles interiores não eram os meus. E o doutor não fique espinhado! Mas aquilo não são ossos: são ossadas. Eu não posso estar assim tão cheio de esqueleto. Aquela fotografia é de chamar saliva a hienas. Sem ofensa, doutor, mas eu peço que se deite fogo nessa película. E me deixe assim, nem vale a pena enrolar-me as ligaduras, aplicar-me as pomadas. Porque eu já vou indo, com as pressas. Não esqueça, por favor. Foi por esse pedido que eu vim. Não foi pelo ferimento.

E logo me desando, já as ruas deságuam. Chego à loja dos televisores e me sento entre a mendigagem. Veja bem: tinham-me guardado o lugar em meu respeito. Isso me comove. Afinal, o doutor sempre telefonou, sempre se lembrou do meu pobre pedido. Ainda há gente neste mundo! Meus olhos brilham olhando não o jogo, mas as pessoas que olhavam a montra. Quem disse que a televisão não fabrica as actuais magias?

O que eu vi num adocicar de visão foi isto, sem mais nem menos: eu e os mendigos de sexta-feira estamos no mundial, formamos equipa com fardamento brilhoso. E o doutor é o treinador. E jogamos, neste momento preciso. Eu sou o extremo esquerdo e vou dominando o esférico, que é um modo de dominar o mundo. Por trás, os aplausos da multidão. De repente, sofro carga do defesa contrário. Jogo perigoso, reclamam as vozes aos milhares. Sim, um

cartão amarelo, brada o doutor. Porém, o defesa continua a agressão, cresce o protesto da multidão. Isso, senhor árbitro, cartão vermelho! Boa decisão! Haja no jogo a justiça que nos falta na Vida.

Afinal, o vermelho é do cartão ou será do próprio sangue? Não há dúvida: necessito assistência, lesionado sem fingimento. Suspendessem o jogo, expulsassem o agressor das quatro linhas. Surpresa minha – o próprio árbitro é quem me passa a agredir. Nesse momento, me assalta a sensação de um despertar como se eu saísse da televisão para o passeio. Ainda vejo a matraca do polícia descendo sobre a minha cabeça. Então, as luzes do estádio se apagam.

* Neste conto optou-se por manter a grafia do português de Moçambique.

** Montra: substantivo feminino, mostruário de casa comercial, vitrina, mostrador.
Regionalismo: Portugal

COUTO, Mia. O mendigo Sexta-Feira jogando no Mundial. In: _____. **O fio das missangas.** São Paulo: Companhia das Letras, 2009, pp. 81-84.